

DIVERSIDADE CULTURAL E A ORIGEM DO POVO BRASILEIRO

CULTURAL DIVERSITY AND THE ORIGIN OF BRAZILIAN PEOPLE

DIVERSIDAD CULTURAL Y EL ORIGEN DEL PUEBLO BRASILEÑO

Juliana dos Santos Specht¹
Vera Cristina Scheller dos S. Rocha²

Resumo

Este artigo visa analisar a formação e a diversidade cultural do povo brasileiro. Objetiva-se, também, examinar como o ensino de Geografia pode contribuir para compreender melhor o tema. Quanto à metodologia, trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, embasada em fontes que versam sobre: (a) o território brasileiro; (b) cultura; (c) religiosidade; (d) diversidade; (e) representação; (f) antropologia; e (g) a população brasileira. Conclui-se que o país possui uma ampla diversidade cultural e que o ensino de Geografia pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz para entender a formação identitária brasileira.

Palavras-chave: Geografia; cultura brasileira; povos brasileiros; identidade nacional; religiões.

Abstract

This article aims to analyze the formation and cultural diversity of the Brazilian people. It also intends to examine how the teaching of Geography can contribute to a better understanding of the subject. As for the methodology, it is a bibliographic review, with a qualitative approach, based on materials that deal with: (a) the Brazilian territory; (b) culture; (c) religiosity; (d) diversity; (e) representation; (f) anthropology; and (g) Brazilian population. It is concluded that the country has a wide cultural diversity and that the teaching of Geography can be an effective pedagogical tool to understand Brazilian identity formation.

Keywords: Geography; Brazilian culture; Brazilian people; national identity; religions.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la formación y diversidad cultural del pueblo brasileño. Se pretende, también, examinar cómo la enseñanza de la geografía puede contribuir a comprender mejor el tema. En lo metodológico, se trata de una revisión bibliográfica, con enfoque cualitativo, basada en fuentes que estudian: (a) el territorio brasileño; b) cultura; c) religiosidad; d) diversidad; e) representación; f) antropología; y g) población brasileña. Se concluye que el país tiene una amplia diversidad cultural y que la enseñanza de la geografía puede ser una herramienta pedagógica eficaz para comprender la formación de la identidad brasileña.

Palabras-clave: geografía; cultura brasileña; pueblos brasileños; identidad nacional; religiones.

1 Introdução

A presente pesquisa parte do pressuposto de que há dúvidas por parte da sociedade contemporânea sobre as matrizes culturais e religiosas brasileiras, pois ainda é preciso analisar as ideias que foram divulgadas no passado. Por isso, pergunta-se: por que as dinâmicas culturais do passado exercem grande influência nas opiniões da sociedade contemporânea? Considera-

¹ Licencianda do curso Geografia no Centro Universitário Internacional Uninter.

² Professora orientadora que atua na área de Geociências da Escola Superior de Educação, do Centro Universitário Internacional Uninter.

se que este tema da Geografia Humanista é relevante para que haja progresso social e educacional. O povo brasileiro origina-se da mestiçagem entre os povos trazidos ao país, colonizadores portugueses e povos originários. Em todo o território brasileiro, há evidências e vestígios que formam e reproduzem a identidade cultural do Brasil — como a língua, simbologias, escrita, os elementos naturais e, também, os artefatos (FIORIN, 2009).

Através da pesquisa, busca-se compreender as heranças culturais e religiosas, bem como os hábitos que permeiam os povos brasileiros. Nesse sentido, a Geografia é uma ciência norteadora, pois examina a relação entre as pessoas e o ambiente em que habitam.

O antropólogo Clifford Geertz (1926-2006), assim como Max Weber, defende o conceito da cultura semiótica:

O homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu e assumiu a cultura como sendo essas teias e suas análises; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas com uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.15).

A cultura pode ser definida como a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante a vida; em uma outra escala, é configurada pelo conjunto dos grupos de que fazem parte:

A cultura é a herança transmitida de geração a outra. Tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo (CLAVALL, 2014, p. 71)

A metodologia adotada consiste em uma pesquisa qualitativa, empreendendo uma revisão bibliográfica, pautada por livros, artigos e revistas. Tais fontes versam acerca da pluralidade cultural e religiosa brasileira, e evidenciam a importância das culturas de cada povo, a identidade brasileira e o processo de interculturalidade. Autores como Sarde Neto e Malanski (2016), Araújo, Taveira e Fogaça (2016) e Corrêa (2012) argumentam sobre a pluralidade cultural e o fluxo de pessoas, por meio dos quais as sociedades se modificam em diversos aspectos: social, cultural e econômico. Ao analisarem a questão da cultura e da diversidade, tais autores destacam o simbolismo de expressões culturais como o folclore, a religião, culinária típica e os hábitos.

Pretende-se, então, analisar como o ensino da Geografia beneficia os educandos, quando analisa as culturas, religiões e origens do povo brasileiro. Desta maneira, torna-se possível a

identificação e a interpretação das localidades, cidades, paisagens, alimentos e artefatos, evidenciando-se as origens de um povo e sua ancestralidade.

Especificamente, objetiva-se exemplificar as culturas dos povos que já habitavam o Brasil e dos que chegaram posteriormente. Examina-se, ainda, os povos e as religiões que se formaram através do processo de miscigenação, analisando a influência cultural na formação das identidades regionais no Brasil.

No item 2, discorre-se sobre as metodologias utilizadas para a produção textual. No item 3, realizou-se a revisão bibliográfica/estado da arte, que discorre sobre a origem, culturas e religiões dos povos brasileiros. No subitem 3.1, trata-se sobre a temática da cultura brasileira e suas especificidades; no subitem 3.2, realizou-se uma exploração básica da área de Geografia Humana e Cultural. Finalmente, o subitem 3.3 versa sobre o tema dos aspectos culturais.

2 Metodologia

Este estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, com intuito de promover uma reflexão a respeito das culturas e religiões existentes no país.

Utilizou-se uma abordagem qualitativa, cujo método descritivo considera o ambiente natural como uma fonte direta para a coleta de dados. Neste âmbito, a pesquisa é o instrumento essencial, na medida em que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito (LUDKE; ANDRE, 2013).

A presente pesquisa foi embasada em autores como Sarde Neto e Malanski (2016), Araújo, Taveira e Fogaça (2016) e Corrêa (2012), que versam acerca da pluralidade cultural e o fluxo de pessoas, evidenciando como as sociedades se modificam nos aspectos social, cultural e econômico. Esta pesquisa possui um viés exploratório, pois teve como objetivo proporcionar uma visão geral acerca da importância do uso da Geografia Cultural e Humana no ensino da Geografia e no entendimento da identidade cultural brasileira.

Os meios utilizados para elaboração desta pesquisa enfatizam a importância da cultura, da representação, da religiosidade e do território como ferramenta indispensável no ensino da Geografia. Os parâmetros para a seleção das obras foram os seguintes: livros sobre o território, cultura, religiosidade, diversidade, representação, antropologia e população brasileira. Tais temas objetivam evidenciar o povo brasileiro e suas culturas.

Os livros, revistas, dissertações e artigos utilizados foram publicados entre 1989 e 2018. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: cultura brasileira; culturas africanas; culturas indígenas; origem dos povos brasileiros; religiosidade; gastronomia; e imigrantes. Foram

utilizados os livros da editora Intersaberes — da Escola de Educação Superior do Centro Universitário Internacional - Uninter — tais como *Território, Cultura e Representação, Geografia da População e Cultura e Diversidade*. Além disso, a internet foi utilizada para pesquisar artigos, revistas, livros e dissertações.

3 Revisão bibliográfica/estado da arte

A antropologia cultural analisa a essência humana e as criações de grupos sociais específicos; ou seja, configura-se como uma possibilidade de compreender, por intermédio da observação minuciosa, o comportamento do outro. O ser humano é um ser social, que necessita dos outros para sobreviver. Os indivíduos possuem hábitos e características, pois estão inseridos em grupos; assim, as pessoas aprendem a reconhecer símbolos e expressar sentimentos (REZENDE, 2009).

Para Rezende (2009 apud LINTON, 1965, p. 17-20), a cultura:

[...] consiste na soma total de ideias, reações emocionais condicionadas a padrões de comportamento habitual que seus membros adquiriram por meio da instrução ou imitação e de que todos, em maior ou menor grau, participam.

Ao colonizarem o Brasil, portugueses e espanhóis tiveram contatos significativos com os nativos. Os povos encontrados pelos europeus tinham hábitos, costumes e valores muito diferentes dos que eram aceitos na Europa; logo, era necessário conhecer as especificidades dessas culturas para explorar os nativos com mais facilidade (REZENDE, 2009).

Assim, a formação do povo brasileiro se inicia com a miscigenação dos povos indígenas com os colonizadores portugueses. Primeiramente, é preciso notar que a mistura não é indiscriminada; por exemplo, no período de construção da nacionalidade, não há a ideia da miscigenação das três raças que teriam constituído a nação brasileira. Tal miscigenação ocorria apenas entre os índios e os brancos, o que excluía a população negra. Essa mistura não era desejável, pois, afinal, tratava-se de indivíduos em estado de escravidão. Mais tarde, surge a ideologia do branqueamento, que presidiu o estímulo às grandes imigrações europeias: italianos, alemães, espanhóis, poloneses, entre outros (FIORIN, 2009).

Para Bauman (2005, p. 17),

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante

negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Conceituando a etnia dos povos brasileiros, pode-se destacar a beleza da identidade étnica indígena, seus conhecimentos sobre as matas, animais, danças e rituais. Com as danças e batuques em seus terreiros, evidencia-se a etnicidade dos povos africanos, contribuindo para que o Brasil fosse considerado o “país do carnaval”, uma das festas símbolo da identidade nacional (SIMSON, 1981). Dos colonizadores, pode-se citar a arquitetura, onde se destacam as igrejas católicas e o modelo de urbanização (CORRÊA, 2012). Outras heranças deixadas pelos portugueses no Brasil são produtos da culinária: as contribuições dos Jesuítas na introdução de algumas espécies, como a canela, são bem conhecidas e documentadas (FERRÃO, 1993). A introdução dos “inhames” africanos e asiáticos no Brasil deve ter sido realizada nos primeiros anos da colonização portuguesa, pois serviam, nos navios, de alimento para a tripulação e escravizados durante as longas viagens marítimas dos portugueses (FERRÃO, 2005).

A cultura brasileira tem suas particularidades, não sendo considerada homogênea por causa da dimensão territorial do país e pela diversidade cultural e heterogeneidade da sua população. Segundo Barth (1998, p. 191) apud Neto e Malanski (2016):

Existem falhas em tais definições. A classificação de pessoas e grupos como membros de um grupo étnico segundo o aspecto do “suporte cultural” deve depender do modo como demonstram os traços particulares da cultura.

3.1 A cultura brasileira e suas especificidades

A cultura brasileira e suas manifestações têm suas especificidades nas mais diversas regiões do país; particularmente, os brasileiros conservam e valorizam suas origens, pois com toda a modernidade que a globalização oferece, o povo do país continua a cultivar suas tradições, sua religiosidade e a culinária típica.

No Sul, temos diversas festas típicas importantes, como a Oktoberfest, Marejada, Festa do Leitão Fogo de Chão, Festa do Carneiro no Buraco, entre outras. Destaca-se a festa gaúcha, onde marcada pela indumentária da prenda e do peão.

Segundo Kaiser (1999),

Os gaúchos mostram, como grupo social, características que permitem classificá-lo como um grupo étnico. Primeiro, ao criar espaços regionais de identidade gaúcha, não importa a localização geográfica ou aspectos históricos e culturais do

lugar. Segundo, ao naturalizar a reprodução do “ser gaúcho”: os filhos de gaúchos, mesmo fora do Rio Grande do Sul, nascem gaúchos, como se esta condição fosse uma herança genética (KAISER, 1999, p. 21).

Já nas festas caipiras no norte brasileiro, destaca-se a vestimenta usada nas festas juninas e a dança. Cascudo (1971, p. 746) relata que “a quadrilha não só se popularizou, como dela apareceram várias derivadas, no interior. Assim, tem-se a ‘quadrilha caipira’, no interior paulista, ‘baile sífilito’ na Bahia e Goiás, a saruê, no Brasil Central”.

Conforme Giffoni (1973 apud ALBUQUERQUE, 2013, p. 45),

A quadrilha era dançada nos bailes da corte na Europa, preferida pela sociedade da época. Foi introduzida no Brasil no século XIX pela Corte Imperial Portuguesa, trazida pelos mestres de orquestras francesas Milliet e Cavalier, fez muito sucesso quando passou a animar os carnavais e bailes, tanto na cidade quanto no campo, sendo dançada também ao ar livre nas festas do mês de junho.

O Círio de Nazaré é uma festa regional do norte do Brasil, que cultua a figura de Nossa Senhora de Nazaré.

Sobre a celebração, Maués (1995, p. 54) afirma que:

Nossa Senhora de Nazaré, como qualquer outra Santa Padroeira, é um símbolo da própria sociedade regional ou local, portanto, do ponto de vista cultural, serve de mapas (guia ou roteiro de navegação), ao mesmo tempo em que de projeto (no sentido daquilo que se antecipa, também como guia, mas agora não mais de navegação, mas de construção) de identidade popular regional.

No Brasil, busca-se manter os povos vinculados ao folclore. No norte e nordeste, destacam-se os ritmos do forró e do frevo — que se aproxima do carnaval, devido ao seu ritmo acelerado (CORRÊA, 2012).

O território é a representação, pois nele são evidenciados os lugares de vivências, cidades, paisagens e memórias de cada povo. Nestes, os grupos atuam conforme as necessidades; para sua sobrevivência, demandam moradia, alimentação, socialização e educação:

A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores. Além de sua gênese, estrutura e organização, focos correntes dos geógrafos, é necessário para a sua compreensão que se apreendam os seus significados, pois são estes que lhe dão sentido (CASSIRER, 2001/1923 apud CORRÊA, 2012, p. 10).

A origem da culinária brasileira é a mestiçagem, em que há uma valorização do regional como produto autêntico da cultura nacional.

Dependendo da região, há a predominância de um determinado tipo de culinária. Em cada localidade, há a produção de determinado tipo de alimento. Neste sentido, destaca-se o arroz e o feijão, símbolos da culinária do país. Tais alimentos foram cultivados por povos que fizeram do Brasil sua morada. Assim, a feijoada é um prato feito a partir do feijão com carne seca e pedaços de carne de porco que era consumida pelos escravos negros (CORRÊA, 2012).

A influência indígena, africana e portuguesa aparece como centrais em nossa trajetória gastronômica e em certa medida parece existir certo lamento pela perda de características particulares dessa cozinha quando o país se vê sob o fenômeno da industrialização, o que leva ainda a uma preocupação em torno da absorção de ideias importadas e na ausência de uma expressão autenticamente brasileira de nossa cultura. Em parte, esse pensamento justifica a relevância em torno do privilégio do folclore, em alguma medida interpretado como uma sobrevivência de costumes de uma estrutura social que está sendo ameaçada (CANCLINI, 1998 apud COLLAÇO, 2013, p. 20)

3.2 Geografia humana e cultural

A Geografia não explica somente a cartografia, ela também trata as questões humanas e culturais (NETO; MALANSKI, 2016). A Geografia Humanista constitui um campo muito próximo da Geografia Cultural. O início desta relação deu-se através de dois prussianos: Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859). No início do século XIX, tais geógrafos demonstravam interesse pelas culturas, dedicando seus estudos às pessoas e ao espaço. Deve-se considerar, também, as contribuições dos franceses, como Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Para os alemães, o ambiente determina e condiciona a ação humana; para os franceses, existem influências recíprocas entre a ação humana e o meio ambiente (NETO; MALANSKI, 2016). Neste cenário de opiniões convergentes, deu-se início a uma nova concepção de Geografia. No Brasil, esse movimento se iniciou em 1970, com o interesse pela dimensão cultural e humanista do espaço (NETO; MALANSKI, 2016).

A população se configura como um conjunto de variáveis de grande diversidade cultural e religiosa, pois junto aos povos trazidos ao país pelos colonizadores portugueses, desembarcaram as culturas e religiões que permeiam o povo brasileiro e dão-lhe sua identidade; ou seja, todos os conhecimentos distintos dos povos que aqui habitavam acabaram por ser agregados (QUEIROZ, 1989). A contribuição dos geógrafos brasileiros — no âmbito cultural e humanista — é analisar a gigantesca diversidade cultural e as mudanças de pensamento (NETO; MALANSKI, 2016).

3.3 Aspectos culturais

Os aspectos culturais possuem relação direta com as pessoas e com o ambiente que habitam. Tais aspectos possibilitam o entendimento das experiências humanas, lançando olhares para o simbólico e para a representação na análise de território, territorialidade, lugares e paisagens (NETO; MALANSKI, 2016, p. 87).

Diante disso, cada sociedade se organiza de acordo com seu processo histórico, como argumenta Santos (2006, p. 16-17):

Se insistirmos em relativizar as culturas e só vê-las de dentro para fora, teremos de nos recusar a admitir os aspectos objetivos que o desenvolvimento histórico e da relação entre povos e nações impõe. Não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a faça superior a outra.

O embelezamento do país se dá por essa mistura de raças, o que torna o Brasil multicultural. As culturas locais, danças e comidas típicas tornam o país globalizado, pois são encontradas características particulares de diversos povos, tornando-o um país hospitaleiro e democrático.

Conforme Woodward (1992), a cultura proporciona meios pelos quais é possível dar sentido ao mundo em que vivemos e assim construir e designar os sentidos as coisas.

Partindo do pressuposto de que os imigrantes fazem parte da identidade brasileira, é possível identificar os povos imigrantes que fizeram do país sua morada através da análise de sua língua de origem e da culinária típica (SEYFERTH, 2013).

Na história brasileira, os imigrantes, indígenas, africanos e colonizadores portugueses tiveram um papel significativo na constituição de nosso povo.

Para Leal (1998), a gastronomia é um traço marcante da cultura e resulta de características físicas do local, de sua formação étnica, de suas crenças e políticas.

Nesse sentido, no estudo do desenvolvimento das línguas nos períodos históricos, deve-se considerar a relação do português — língua oficial do país — com os outros idiomas falados no território. Considerando que as línguas maternas constituem os sujeitos (ORLANDI, 2001), pode-se reinterpretar a diversidade de línguas no Brasil a partir do fenômeno imigratório.

Através da língua, o sujeito e o sentido se constituem simultaneamente (Orlandi, 2001). Tais relações são significativas para o brasileiro, pois o idioma oficial determina a relação que os sujeitos têm com o país (GUIMARÃES, 2004).

As tradições religiosas brasileiras têm sua origem nas realidades histórica, geográfica, social e cultural de cada grupo. De maneira geral, os indivíduos acreditam em um ser imaterial e em expressões individualmente manifestadas. Nesse sentido, o catolicismo chegou ao Brasil na figura dos missionários jesuítas com os colonizadores portugueses:

Durante o período colonial, a religião dominante era a religião católica oficial imposta pelo sistema administrativo lusitano. Paralelamente a esta, existia a religião do povo, trazida pelos próprios colonos portugueses. Sendo o povo brasileiro, fruto de uma miscigenação racial e cultural, a religião popular também é fruto dessa miscigenação, designada mais propriamente como “sincretismo religioso” (SANTOS; ROXO, 1978, p. 68).

No catolicismo, a maior expressão de religiosidade encontra-se no culto aos santos, tanto oficiais como oficiosos. Esta fé se caracteriza pela busca da intercessão junto à divindade e pelo poder de realizar milagres. As vidas dos santos constituem um importante meio de transmitir o sentido da fé católica. Desde os primórdios do cristianismo, as vidas dos santos possuem um importante papel, pois são exemplos de pessoas cuja santidade é reconhecida como excepcional:

As vidas dos santos constituem um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã. Desde que o cristianismo existe, as pessoas contam e recontam as histórias dos santos. Eles têm sido homenageados em ícones, pinturas e estátuas. É impossível imaginar o cristianismo sem pecadores e é impossível vivê-lo sem os santos (WOODWARD, 1992).

Ainda que imbuídos de um proselitismo religioso, ocorre uma interação dialética; mesmo com a dominação portuguesa, há o reconhecimento da influência dos indígenas e dos africanos (ORO, 2013).

A religiosidade indígena crê nos antepassados, em espíritos e divindades:

As religiões indígenas têm organizações e espaços sagrados próprios.

São religiões ligadas à natureza, sendo essa, o grande templo sagrado, povoado de espíritos e divindades. Para os indígenas, as árvores, as matas, os rios, toda a natureza refletem a presença do sagrado. O ameríndio não se envolve em conceituações sobre um ou vários deuses; o que lhe interessa é a relação pessoal com as forças cósmicas em sua vivência diária. Para muitos povos indígenas tudo é rito, religião. Creem num ser supremo que habita e domina todo o universo, sendo essa crença ligada a mitos de criação. Há uma ordem natural do mundo que liga entre si todos os elementos do cosmo e, tudo se liga ao ser supremo, ou ao mundo invisível, ao sobrenatural. Essa estreita relação entre o mundo visível e o mundo invisível também se revela entre os vivos e seus antepassados (ORO, 2013,116-117).

As religiões afro-brasileiras, de maneira geral, enfatizam a crença em seres mitológicos e da natureza, além de símbolos:

A religião africana também ensina o sagrado inserido na natureza. Consequentemente, seus seguidores a respeitam como criação de Olorum. É uma religião de celebração à vida junto a seus UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 1, jan-jun, 2014.65 ancestrais e tem a ancestralidade como uma marca da matriz africana. As religiões afro-brasileiras podem ser distinguidas em três grupos ou tendências principais. Uma primeira é a que privilegia a África, onde a predominância é de elementos simbólicos e mitológicos africanos e língua usada nos rituais, a africana. Uma segunda tendência é a brasileira e os rituais, cânticos e rezas em português e, na fusão de elementos de diversas procedências, a Umbanda surge como uma prática religiosa sincrética. Na terceira tendência, os rituais são realizados na língua portuguesa e africana, sendo a tendência intermediária. As três tendências têm elementos comuns e, na prática, trabalha-se mais de uma tendência (ORO, 2013,105-107).

O catolicismo e as religiões de matriz africana cultuam santos. Nas duas tradições, tais cultos possuem o mesmo significado, mas com nomenclaturas diferentes (CORRÊA, 2012, p. 155).

O povo brasileiro demonstra a devoção aos padroeiros regionais e nacionais através de celebrações como a festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Na região nordeste do país, há a tradicional festa do Senhor do Bonfim, onde os devotos e peregrinos celebram suas crenças, agradecem pelas graças alcançadas e fazem seus pedidos (CORRÊA, 2012). Para Geertz (1989, p. 66-67),

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo - o tom, o caráter, e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, nas suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão do mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Percebe-se que as culturas regionais brasileiras são herança da mistura de povos, perpetuadas através de diversas gerações. Em certos momentos, tal dinâmica pode gerar conflitos devido aos processos de modernização e globalização; porém, é preciso considerar que o Brasil é multicultural e toda a cultura regional é significativa para o desenvolvimento e a adaptação dos povos, principalmente na difusão das culturas.

Segundo Brandão (2002, p.22),

Tal como a natureza onde vivemos e de quem somos parte, também a cultura não é exterior a nós. A diferença está em que o “mundo da natureza” nos antecede, enquanto o “mundo da cultura” necessita de nós para ser criado, para que ele, agindo como um criador sobre os seus criadores, nos recrie a cada instante como seres humanos. Isto é, como seres da vida capazes de emergirem dela e darem a ela os seus nomes.

O artesanato se expressa através dos artefatos, utensílios que dão maior visibilidade a uma determinada localidade. Cada região brasileira expressa sua cultura através do artesanato que, geralmente, é produzido manualmente com matéria-prima local, o que caracteriza seu ambiente, paisagem, lugar e cidade de origem. A cultura indígena, por exemplo, é simbolizada pelo uso de redes para dormir, a cuia para tomar o tacacá, as lanças, o arco e a flecha, usadas para caçar animais e pelo Porongo, uma cuia para tomar o chimarrão. Na cultura africana, tem-se o tambor, um artefato e instrumento usado na música (CORRÊA, 2012).

Observa-se que cada artefato conta a história de cada povo; estes representam os valores de um grupo singular, podendo ser considerados bens inestimáveis e patrimônios da humanidade.

De acordo com Ortiz (1996, p. 183),

Tradição e artes surgem, assim, como esferas específicas da cultura, congregando um conjunto de valores que orientam a conduta, canalizando as aspirações, o pensamento e vontade dos homens. A tradição procura paralisar a história, invocando a memória coletiva, como instituição privilegiada de autoridade – “os costumes existem desde sempre”. As artes contemplam a sociedade de uma outra maneira. Elas sublinham a existência de um universo culto, “superior”, habitado pela educação, sentimento e fruição artística.

No âmbito escolar, expor os alunos a tal diversidade é essencial. Os discentes devem compreender que cada cultura possui seu valor e, portanto, deve ser respeitada. Cada indivíduo tem o direito de valorizar seus símbolos e crenças, pois são importantes para quem as pratica. Desta maneira, o aluno pode compreender o ambiente no qual está inserido, conhecendo e respeitando as características econômicas, físicas, humanas e sociais.

Pereira (2008, p. 8) afirma que

O estudo da História e das culturas africanas e afro-brasileiras na escola favorece o conhecimento de nossa diversidade social, mas, ao mesmo tempo, aponta os conflitos subjacentes ao modelo educacional, que até o momento se recusava a considerá-las como um fator constitutivo da sociedade brasileira.

Os alunos trazem para a escola os conhecimentos das culturas das quais fazem parte. Por conseguinte, tais conhecimentos devem ser utilizados e aprimorados pelo professor:

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que suas práticas, seus costumes, suas concepções e também suas transformações façam sentido. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que eles são produzidos. Cada cultura é o resultado de uma história particular; a diversidade de culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza (SANTOS, 2006, p. 8-15).

Por essa razão, é fundamental que o educador amplie seu conhecimento e busque novas maneiras de exercer a prática pedagógica.

O professor deve observar as dificuldades apresentadas pelos alunos e agir pautado não somente pelas teorias, mas também pelos desafios encontrados na comunidade escolar no qual está inserido. O ensino sobre as culturas deve desenvolver uma prática cidadã, transformando o aluno em um ser social atuante, que compreende e transforma o espaço em que vive. Desta maneira, a comunidade escolar pode se sentir envolvida e motivada a construir seu conhecimento e partilhar suas culturas. Assim, todos podem ser aceitos pela sua religiosidade, gênero e etnia (CORRÊA, 2012).

Com relação ao ensino das culturas africanas e afro-brasileiras na escola, Pereira (2008, p. 10) afirma que haver desafios a serem enfrentados:

Ao enfrentar tal questão, os educadores se deparam com um grande desafio que decorre da necessidade de se desfazer os equívocos que deturpam as culturas de origem africanas nas áreas onde se desenvolveram relações de trabalho escravo. O desafio decorre, ainda, da urgência de se analisar os esquemas de violência que perpassam as relações entre os diferentes grupos da sociedade brasileira, de se estudar e vivenciar as culturas africanas e afrodescendentes como realidades dialéticas, dispostas no jogo social, permeadas de contradições e em constante processo de reinterpretações de si mesmas.

Através das tarefas desenvolvidas pelos professores da Geografia Cultural e Humanista, pode-se desenvolver a autonomia e o nível de participação dos alunos. Nesse sentido, os discentes possuem uma percepção cada vez mais clara acerca de seu direito de participar da elaboração curricular e da comunidade escolar no qual faz parte. Assim, tais indivíduos podem evidenciar os elementos e questões que consideram mais importantes (CORRÊA, 2012).

Além disso, o aluno deve associar teoria e prática. Logo, o professor deve criar e recriar sua maneira de transmitir os conteúdos, adequando-os à turma na qual leciona, o que fomenta um ambiente de desenvolvimento.

Segundo Freire (1987 apud CORRÊA, 2077, p. 237),

Valores, atitudes, comportamentos só serão válidos se estiverem correlacionados à libertação, que significa a tomada de consciência do sujeito sobre o seu estar aqui e agora no mundo que o rodeia. Deve, pois, significar instrumento de promoção da liberdade do indivíduo em sua relação com o mundo, para poder assim interferir nele.

O professor deve identificar as dificuldades apresentadas pelos alunos e buscar, constantemente, uma revisão de sua docência, dialogando com todos os envolvidos e evidenciando seu papel na sociedade (CORRÊA, 2012).

4 Considerações finais

Como uma ciência que estuda o espaço produzido pelas relações sociais, políticas, econômicas, culturais, religiosas e educacionais, a Geografia deve analisar e evidenciar as origens dos povos. A Geografia Cultural e Humanista possibilita a expressão da identidade cultural do Brasil, pois leva em consideração todos os grupos sociais. Esta disciplina debate a importância de se considerar todos os aspectos humanos, através da análise da cultura, ambiente, paisagem e cidades.

A relação entre as pessoas e suas localidades estimula a atribuição de sentidos e significados aos elementos materiais e imateriais, naturais ou construídos, mediados pela cultura de cada povo. São necessárias abordagens mais humanas, pois na literatura e nos livros escolares, tais aspectos não eram citados.

Durante muitos anos, vários povos lutam por reconhecimento, representatividade e valorização de seus direitos como cidadão. A educação brasileira deve ser uma fonte de perspectivas agregadoras, que valorizem as culturas e os diferentes povos.

Na contemporaneidade, a diádica precisa acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da sociedade, sem perder a identidade, essência e raízes de todos os povos que aqui se formaram. Portanto, a inserção cultural no ambiente escolar está entrelaçada à formação do aluno; logo, cabe ao professor desenvolver uma proposta pedagógica dinâmica e agregadora, permitindo a construção e partilha de conhecimentos.

Foram abordadas diferentes formas de representação cultural no Brasil. Tais identidades regionais influenciam diretamente a vida das pessoas e como elas percebem o mundo, as diferentes culturas, paisagens e religiões encontradas no território brasileiro.

Referências

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista - Roraima (2001-2011)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

ARAÚJO, W. M.; TAVEIRA, B. D. A.; FOGAÇA, T. K. **Geografia da população**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

ANDRADE, S.R. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 7, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30331/15916>. Acesso em: 09 mai. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BARBALHO A. Políticas Culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. **Anais[...]**. Salvador: UFBA, 2007. p. 1 – 21.

BOLOGNINI. C. Z; PAYER. M.O. Línguas de Imigrantes. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 42 – 46, abr. /jun. 2005.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CLAVAL. P. O Tema da Religião nos Estudos geográficos. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 37 – 58, jan. /jun. 1999.

COLLAÇO. J. H. L. Gastronomia: a trajetória de uma construção recente. **Habitus**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 203 – 222, jul./ dez, 2013.

CORRÊA, R. L. T. Retrospecto sobre a educação brasileira. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 21, p. 235-264, maio./ago. 2007

CORRÊA, R. L. T. **Cultura e diversidade**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CORRÊA. R.L. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7 – 21, jan. /jun. 2011.

CUNHA, F.D.M. **O fenômeno da hibridação cultural**: análise semiótica da indumentária ressignificada da Quadrilha Eita Junino em Boa Vista – Roraima. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Roraima, 2015.

FIORIN, J. L. Bakhtiniana. A construção da identidade nacional brasileira. **Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.115-126. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIFFONI, Maria Amália Correa. **A dança folclórica brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973

MARCOS, E.N.F.; DENTZ, B.G.Z. Reconhecimento da identidade gastronômica dos imigrantes alemães no município de Águas Mornas – Santa Catarina: bases para o fortalecimento do turismo. **Pasos – Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, Santa Catarina, v. 9, n. 4, p. 623-631. 2011. Disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/9411/PS0411_11.pdf. Acesso em: 11 maio 2022.

NETO, E. S.; MALANSKI, L. M. **Território, cultura e representação**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

OLIVEN, R.G. A Antropologia e a Cultura Brasileira. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 74 – 88, 1989).

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PEREIRA, A.S. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM; NTE, 2018.

PRODANOV, C.C.; De FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, M.I.P. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 29-46, jan. /jun. 1989.

REZENDE, P. **Antropologia Cultural**. Curitiba: IESDE, 2009. 108 p.

ROSENDAHL, Z. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-13, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734/5589>. Acesso em: 10 maio 2022.

SALEH, F.P. Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha. **Revista ModaPalavra e Periódico**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 175 – 201, jan. /jul. 2015.

SEYFERTH, G. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012.

SOUSA, M.M.P.S. **Festa Religiosa do Círio de Nazaré: difusão da fé e geossimbolismos da cidade de São Luís – MA.** 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

TOMÉ, M.D.S. Religiosidade Brasileira: apontamentos. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões [online]**, Vitória, v. 1, p. 60-70, jan. /jun. 2014.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira o que é, como se faz.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
WEICK, T. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set. /dez.2011.

WOODWAR, K.L. **A fábrica de santos.** São Paulo: Siciliano, 1992.